

(Todos os documentos que se apresentam em seguida foram cedidos por Cecília Menano e por nós traduzidos do francês. Os slides e imagens, infelizmente, já não existem no Arquivo de Cecília Menano, pelo que não se podem incluir nos textos)

1.O DESENHO LINGUAGEM INFANTIL

Exposição organizada por João dos Santos com a colaboração
de Arminda Grilo e Cecília Menano

(Lisboa)

V CONGRESSO INTERNACIONAL DE NEUROLOGIA LISBOA - 1953

Secção de Neuropsiquiatria do Hospital Júlio de Matos

O DESENHO, LINGUAGEM INFANTIL

Exposição organizada por João dos Santos com a colaboração de
Arminda Grilo e Cecília Menano (1)

(Lisboa)

I - Introdução

As instituições humanas existem, persistem e evoluem, porque o homem pode comunicar com outros por intermédio de actividade simbólica ou da linguagem, o utensílio do pensamento que lhe permite o conhecimento. Pensamento e linguagem são aspectos únicos da emoção, dado que através deles se representa mentalmente o mundo e se criam os símbolos. A emoção primitiva produz desde logo no animal e na criança pequena o movimento expressivo, o gesto, a mímica e a atitude ou «movimento cristalizado», forma de procura no espaço e de

expectativa ou de esboço de reflexão, que precede a escolha ou o acto inteligente. A atitude, o gesto, a mímica e a pantomima expandem-se de forma exuberante desde as danças primitivas que realizam uma tentativa de uma forma de pensamento e marcam «o início da vida psíquica» (Wallon), a ultrapassagem da animalidade em direcção à humanidade. A palavra prolonga a atitude, o gesto e a pantomima mas o eco da sua emoção não deixa vestígios a não ser no frágil corpo dos seres humanos. O traço, o desenho e toda a actividade gráfica são os primeiros factos duma história natural do homem que se afirma e se impõe para a posteridade; já não se trata apenas da emoção simples diante do objecto, como no caso dos seres primitivos, mas a representação mental que intencionalmente deixa o vestígio dum gesto, significando emoção, experiência vivida, conhecimento. Nenhuma ciência humana pode ignorar que as reacções do homem não são, de forma alguma, biológicas, e que uma personalidade se exprime por toda uma série de símbolos, que vão desde a atitude, ao gesto e à palavra e do traço à obra.

Nenhuma investigação ou conhecimento do homem deve conceber como válida uma semiologia de uma só forma de linguagem, separada do conjunto da actividade simbólica.

As produções foram seleccionadas, entre 20 mil desenhos e pinturas de crianças doentes e de crianças de escolas infantis, primárias, das consultas de higiene mental, colecções privadas de crianças artistas, etc.

Na primeira parte foram expostos os exemplares de produções sugeridas por um tema fornecido: O homem, o barco, a família, etc.

Na segunda parte todas as produções foram inteiramente espontâneas.

II - O desenho é uma linguagem (1)

O desenho é uma espécie de gesto (ligação do psíquico e do físico Luquet); a motricidade expressa através do gesto é o fundamento real do acto gráfico; o desenho da criança depende das expressões de motricidade primitivas como linguagem e, o esquema ideoplástico que lhe serve de base é essencialmente motor - memória motora (Metz).

(Ver Fig. 1) - A. J. 12 anos - Débil mental (Hospital Júlio de Matos)

(1) Nota: Procurámos apresentar neste resumo a orientação geral dos trabalhos de diferentes autores sobre trabalho infantil: esta síntese não é talvez suficientemente clara: encontrar-se-á no III Vol. 1950 da publicação *Enfance* uma extensa bibliografia sobre esta matéria

A actividade gráfica é condicionada pela evolução psicomotora e é assim que os primeiros gatafunhos coincidem com o aparecimento do andar (Prudhommeau).

A criança utiliza primeiro os utensílios orgânicos (mãos); os primeiros movimentos de rabisco são puramente musculares, privados de controlo visual (Burk); o olho é prisioneiro do primeiro movimento da mão (Zazzo). Os impulsos motores ritmados utilizam mais tarde um instrumento de traçamento (Graeve); é este objecto imediatamente de traçamento que desempenha o papel determinante (Naville).

Não se pode falar de desenho a não ser quando existe vontade de imitar uma forma objectiva (Wundt); - o primeiro «desenho» é a imitação da actividade do outro, a descoberta da semelhança do traço com o objecto é absolutamente fortuita (Brown).

O traço torna-se o motivo do gesto, mesmo que tenha começado por ser fortuito e o efeito se torne por sua vez, a causa (Wallon); do mesmo modo no desenvolvimento da palavra lambdacismo é preciso que a criança esteja convicta que o que produz tem um significado. Existe um paralelismo entre a manipulação gráfica e material dos objectos significativos (Hetzler); - à função reprodutora descoberta ajusta-se o prazer da função motriz (Buhler),

A criança narra graficamente. O desenho é uma descrição e não uma reprodução. O desenho é uma linguagem (Levinstein).

Por outro lado, o desenho sublinha o pensamento manifestado; facilita a exteriorização do pensamento da mesma maneira que a mímica (Rouma). Podemos afirmar que existe um conflito entre a influência do modelo e a tendência do esboço e é a imaginação da criança que lhe permite superar esta questão (Graewe). A criança nunca copia servilmente, existe sempre nos seus trabalhos um elemento criativo (Rothe); ela conta o que sabe de um objecto (Bappert). A incapacidade de copiar um modelo acontece porque a criança, tentando copiar incorpora na sua percepção visual elementos de conhecimentos anteriores (Stern). O objecto exterior serve apenas de sugestão e é na realidade o modelo interno que é desenhado.

(Ver Fig. 2) - Natal - C. O. - Rapaz saudável - 10 anos

A regressão que se observa por volta dos 11 anos resulta do mau ensino, que não corresponde às aspirações legítimas da criança; na escola é geralmente desencorajada a alcançar por experiência própria o realismo visual (Louquet).

É necessário que as instituições compreendam que o desenho é uma linguagem e que através do traço e da pintura «a criança exprime as características universais da alma humana em estado puro, apesar das convenções sociais e académicas» (Herbert Read).

III - Evolução do traço

Na origem do traço encontram-se os reflexos e os movimentos sem nexos da criança pequena. Esta passagem do reflexo ao gesto e do gesto ao traço é evidentemente gradual e insensível, mas contudo achamos útil chamar a atenção para estas etapas fundamentais do desenvolvimento neuro-motor que estão na base da actividade gráfica. Assim passamos a resumir os factos mais importantes das escalas de desenvolvimento infantil (Gesell e Brunet-Lezine):

- 1º mês - A criança aperta um pau que se lhe introduz na mão
- 3º mês - Brinca com as suas mãos, examina-as
- 4º mês - Inicia um movimento de preensão
- 5º mês - Agarra um cubo por contacto
- 6º mês - Bate na mesa ou no chão com uma colher
- 7º mês - Agarra na argola arrastando-a
- 8º mês - Agarra na argola com a ajuda do polegar
- 9º mês - A criança puxa pela argola servindo-se do fio
- 10º mês - Retira a parte redonda da prancheta
- 12º mês - Começa a fazer gatafunhos sob demonstração
- 15º mês - Faz um gatafunho espontâneo
- 18º mês - Denomina uma imagem ou apresenta duas imagens
- 21º mês - Exibe 5 partes do corpo na boneca
- 24º mês - Imita um traço
- 30º mês - Imita um traço vertical e horizontal
- 3 anos - Copia um círculo

Primeiras experiências gráficas da criança depois dos testes de Binet-Simon, revisão Terman-Merril:

- Aos 3 anos - A criança copia um traço
- Aos 3 anos e 6 meses - Copia uma circunferência e uma cruz
- Aos 5 anos - Copia um quadrado
- Aos 7 anos - Copia um losango
- Dos 4 aos 5 anos - Completa a figura do homem ou um pássaro conforme o modelo esboçado.

Apresentámos por conseguinte as etapas de desenvolvimento do desenho infantil conforme apreciação de Pierre Gills Well (*Enfance* 111, 221, 1950; e o teste de Fay de acordo com o padrão estabelecido por Leite da Costa dirigido às crianças portuguesas.

IV - Os barcos

Em cada país as crianças têm uma preferência espontânea por certos temas (em primeiro lugar a figura humana).

Segundo estudos realizados por Hetzer, Wulff, Baugarten, na Áustria, Alemanha e Suíça, as crianças desenham preferencialmente as casas.

Em Lisboa, o tema espontâneo mais frequente é o barco.

Com a colaboração de Arminda Grilo estudámos a evolução da representação de um barco e a importância de uma boa orientação por parte do mestre.

(Ver Fig. 3) - J.B. - 13 anos. - Afasia produzida por intoxicação alcoólica aguda; desenho produzido no decorrer da reeducação; a criança quis representar um avião; a complexidade da estrutura parece corresponder à procura da síntese perdida

Deste modo chegamos a uma conclusão sobre as características evolutivas, que passamos a indicar:

1 - 1º ano de aprendizagem (rapazes de 3, 4, 5, 6 anos, alunos de Cecília Menano). A evolução desenrola-se da seguinte maneira:

1º - Incompreensível: traços em todas as direcções

2º - Traços oblíquos

3º - Traços oblíquos e horizontais

4º - Traços oblíquos, horizontais e verticais

5º - Forma global com traços oblíquos

6º - Forma global com traços perpendiculares

2 - Raparigas: não se observam as etapas 1, 2 3; elas começam primeiro pela forma. O aspecto decorativo é mais marcante do que no caso dos rapazes.

3 - 2º ano de aprendizagem (rapazes e raparigas de 4, 5 e 6 anos); de uma forma global os detalhes foram introduzidos; a simetria domina a forma. Existe menor interesse pela cor em benefício da forma.

4 - Crianças de 6 e 7 anos com mais de dois anos de aprendizagem: a escolha da cor não é arbitrária: existem de preferência certas combinações.

5 - Crianças de 7, 8 anos sem aprendizagem anterior: a criança ultrapassou, ou perdeu, as 1ªs etapas da procura do traço e da cor. Observa-se rigidez, simetria, falta de cor, pobreza de detalhes. Crianças pertencentes a um meio sem recursos produzem desenhos extremamente pobres.

6 - Classe com certidão de exame de instrução primária (10-11 anos):

Desaparece a diferença entre os trabalhos das crianças sem e com preparação anterior (desenho livre). Trata-se do fenómeno de regressão de que falam os autores e que é devido segundo Luquet, ao ensino deficiente: o desenho copiado.

Em todas as etapas o aspecto decorativo dos trabalhos é mais marcante nas raparigas: flores e pequenos peixes com cores decorando o casco do barco, velas com pequenos remendos, etc.

Orientação dos barcos: Zazzo descobriu que geralmente, o perfil do barco é orientado para a esquerda. (movimento inverso feito com a mão direita). Os canhotos orientam os perfis para a direita. Este fenómeno mostra a importância do factor neuro-motor no desenvolvimento do traço. Zazzo cita a observação de um doente agonizante de Lebt et Goldstein que demonstrava

o «retorno do visual ao motor»: quando apresentámos ao doente um perfil esquerdo ele dizia que se tratava de um perfil... (seguido do contorno com a sua mão direita); se efectuado com a mão esquerda, ele afirmava: «é uma linha em zig-zag».

A mão desenvolve-se no sentido radical... e o lápis regista um meio círculo na convexidade esquerda (Prudhommeau).

Deparámo-nos com um “perfil” virado para a esquerda de barcos desenhados por destros.

V - A pintura

Apresentámos alguns exemplares de pintura como meio de comparação com o desenho e exposemos os borrões.

O borrão, ou o desenvolvimento duma superfície, exprime uma realidade mais verdadeira que o traço (Naville); não existem traços nem linhas na natureza, mas somente sequências de volumes, complicados contrastes claro-escuro (L. Vinci); mas os pais proíbem as crianças de utilizarem materiais líquidos ... de «se sujarem».

VI - O desenho sobre o tema: a família

Sondagem de João dos Santos e Maria Celeste Farinha (Resultados provisórios):

1 - Até aos 7 anos a criança tem tendência para se representar em 1º lugar (à esquerda) a si própria ou a sua mãe.

2 - Dos 8 aos 11 anos tendem a representar primeiro a sua mãe.

3 - Aos 12, 13 anos representam com maior frequência o pai em primeiro lugar.

(Ver Fig. 4.). I.R. - 10 anos - Reacção de psicogenia. Pais separados. Nestes desenhos e pinturas observa-se sempre o pai, a mãe e a filha separados. Aqui a criança estende a mão à sua mãe.

VII - Desenho de um tema sugerido:

Comparando temas diferentes - as flores, os barcos, a família, a casa: parece que as raparigas se interessam pelo decorativo (flores) faltando-lhes interesse pelos outros temas. Os rapazes interessam-se mais pelos temas esquemáticos mecânicos, arquitectónicos (casas, máquinas, veículos).

VIII - Comparação do desenho livre com o «desenho escolar»

Introdução: «No desenho livre o único papel do mestre, é o de orientar sem intervir, de conduzir a criança a transmitir através do lápis ou pela pintura a sua maneira de ser: permitir-lhe desabrochar e crescer... Expandir-se através do desenho, motivando-o pela palavra a fim de que a criança se sinta como o único criador da sua obra. Uma observação sobre o traço ou sobre a sua ideia pode levar a criança a retrair-se, numa atitude crítica.

A criança durante a sua evolução, descobre, modifica, acrescenta e forma o seu próprio estilo, sem qualquer intervenção. Toda a criança possui uma profunda força criativa e o embrião de um artista. Assim, quem pretende ajudar a criança a vibrar pelas suas obras, deve desde logo ser: o estimulador. O mestre não deve ensinar a criança; ele deve colocar-se ao seu nível colaborando e fornecendo-lhe todo o material para as suas próprias pesquisas e a mais vasta experiência». (Cecília Menano)

IX - Trabalhos de crianças doentes

Trabalhos produzidos sob a orientação da fundadora da secção de psiquiatria infantil do Hospital Júlio de Matos - Maria de Lourdes Campos e classificados por João dos Santos e Maria Celeste Farinha:

Os trabalhos apresentados eram exemplares seleccionados entre todas as produções de cada criança. Expusemos em grandes quadros uma amostragem ordenada de todas as produções de uma criança e em separado uma selecção das que melhor representavam o estilo da criança.

Nunca apresentámos um desenho isoladamente porque era bonito, mas sim em conjunto, de modo a que pudéssemos seguir a evolução de cada criança.

(Ver Fig. 5) - J.B. - Afasia. As figuras humanas não têm boca.

Foram exibidos muitos trabalhos de crianças débeis, imbecis, psicopatas, neuróticas e epilépticas.

Crianças amputadas (Cruz Vermelha Francesa). Pesquisas de Adoryen et João dos Santos (1949):

As crianças pequenas amputadas representam-se amputadas, elas vêm-se amputadas nos seus sonhos, não possuem um membro fantasma... As crianças mais velhas escondem-se nos desenhos e nas fotografias, eles vêm-se inteiros nos seus sonhos; eles têm um membro fantasma.

Conclusão: Cada criança deixada livremente na sua actividade atinge o seu estilo que está provavelmente de acordo com o seu carácter.

Verificou-se que os débeis mentais e os imbecis, quando lhes são fornecidos os meios necessários, chegam a formas de expressão bastante notáveis. Na reeducação é preciso não esquecer que é importante desenvolver todos os meios de expressão.

DESENHO, PINTURA E CERÂMICA COMO ACTIVIDADE LIVRE ESCOLAR, INFANTIL E PRIMÁRIA

ESCOLA ÉDOUARD CLAPARÈDE
LISBOA - JUNHO - 1958

As instituições humanas existem, persistem e evoluem, porque o homem pode comunicar com outros por intermédio de actividade simbólica ou da linguagem, o utensílio do pensamento que lhe permite o conhecimento. Pensamento e linguagem são aspectos únicos da emoção, dado que através deles se representa mentalmente o mundo e se criam os símbolos. A emoção primitiva produz desde logo no animal e na criança pequena o movimento expressivo, o gesto, a mímica e a atitude ou «movimento cristalizado», forma de procura no espaço e de expectativa ou de esboço de reflexão, que precede a escolha ou o acto inteligente. A atitude, o gesto, a mímica e a pantomima expandem-se de forma exuberante desde as danças primitivas que realizam uma tentativa de uma forma de pensamento e marcam «o início da vida

psíquica» (Wallon), a ultrapassagem da animalidade em direcção à humanidade. A palavra prolonga a atitude, o gesto e a pantomima mas o eco da sua emoção não deixa vestígios a não ser no frágil corpo dos seres humanos. O traço, o desenho e toda a actividade gráfica são os primeiros factos duma história natural do homem que se afirma e se impõe para a posteridade; já não se trata apenas da emoção simples diante do objecto, como no caso dos seres primitivos, mas a representação mental que intencionalmente deixa o vestígio dum gesto, significando emoção, experiência vivida, conhecimento. Nenhuma ciência humana pode ignorar que as reacções do homem não são, de forma alguma, biológicas, e que uma personalidade se exprime por toda uma série de símbolos, que vão desde a atitude, ao gesto e à palavra e do traço à obra.

Nenhum conhecimento da criança deve conceber como válida a procura de uma só forma de linguagem, separada do conjunto da actividade simbólica.

Nesta exposição - organizada para os participantes do IV Congresso Internacional de Psiquiatria Infantil - damos a conhecer o resultado das experiências livres de desenho, pintura e cerâmica junto «de crianças problema» e de crianças regulares dos 4 aos 12 anos. O nosso objectivo foi o mesmo junto dos dois grupos: obter dos alunos novas formas de expressão, mais evoluídas; os resultados foram idênticos: todas as crianças progrediram sob o ponto de vista expressivo tendo atingido rendimentos notáveis.

Nós encaramos a EXPERIÊNCIA LIVRE como sendo a base da aquisição da actividade simbólica ou linguagem e admitimos que a aprendizagem das disciplinas que realçam antes de tudo a actividade racional não se torna vantajosa sem uma vasta utilização da linguagem no seu sentido mais alargado. Acreditamos que o ponto de partida de todo o conhecimento nasce da possibilidade da criança aprender livremente e espontaneamente em família: a palavra é o essencial das relações humanas, na escola; a compreensão em ligação com o gesto e a palavra a expressão ligada à actividade pictórica e gráfica e as regras da vida social do grupo ligado ao trabalho.

O desenho não tem forma,

Ele é a maneira de ver a forma (Degas)

Tal como o artista, a criança não deve copiar as formas, as tonalidades ou as sombras; quando livre de exercer as suas actividades expressivas, ela dá a sua interpretação ao que observa:

devemos permitir-lhe que determine por si própria; é preciso que seja o único autor da sua obra e que possa afirmar «Eu descobri» ...

A **MODELAGEM** é uma das formas de manifestação mais espontâneas da expressão infantil: permite à criança criar com o seu material objectos simbólicos onde procura a forma com as suas mãos livres e aos quais transmite cor e movimento. Logo que a criança desenha ou pinta, «o instrumento intermediário» e o traço e mancha surgem com frequência mais rapidamente que o próprio pensamento: frequentemente, antes de terminarem um desenho ou pintura recomeçam um outro. Quando a criança modela concentra mais a sua atenção e torna-se capaz de apreciar certos detalhes: ela tem tempo de imaginar e de pesquisar nas suas memórias visuais e tácteis tudo o que pode faltar nas formas que desenha ou pinta. No caso de crianças de 4 anos e em crianças com sinais de atraso de todas as idades, a aquisição da forma desenhada é mais rápida, se lhes permitirmos modelar.

A **PINTURA** é a transição entre a modelagem e o desenho, tal como este é a transição entre os traços que representam uma figura e o desenho abstracto da escrita. A pintura é uma forma espontânea de experiência plástica mas é sempre condenada pelas famílias, dado que a criança não deve sujar-se... Por esta razão a pintura deve ser muito estimulada na escola.

O **DESENHO** é já uma forma evoluída de expressão plástica e começa de um modo geral por ser a imitação do que faz o adulto. Logicamente torna-se necessário que seja desenvolvido na escola antes da aprendizagem da escrita.

A modelagem, a pintura e o desenho devem ser praticadas em simultâneo e nunca separadas do ensino das outras matérias escolares e em particular da educação física, dos jogos dramáticos, da palavra e da escrita; consideramos que não se devem separar as diferentes formas de expressão, sobretudo na etapa da aprendizagem elementar.

O **TRABALHO COLECTIVO** deve ser sempre um dos meios de integração destas actividades gráficas, pictóricas e de modelagem, nas atitudes, sentimentos e ideias manifestadas pelo grupo: para tal é necessário que o material ou o espaço a partilhar não seja dividido entre os alunos; pelo contrário devem estar em constante comunicação, para que as crianças possam brincar com as formas e as cores misturando os seus diferentes estilos e aceitando as críticas e as sugestões dos outros.

Não existe trabalho colectivo sem a utilização da palavra; no começo deve existir sempre uma discussão sobre o tema e a forma de trabalhar; desta forma a palavra mantém a relação entre os alunos e destes com o mestre.

Deve ser o professor que esclarece e estimula as experiências das crianças através das relações directas do mestre com o aluno, e não apenas através do material didáctico; assim chegámos a desenvolver junto de crianças de diferentes meios de expressão simbólica – palavras, gestos, formas, traços e cores e desta forma chegamos ao mundo que as rodeia.

O nosso objectivo não deve ser o de formar artistas, mas dar a todas as crianças a possibilidade de criar, de compreender e de participar na obra colectiva. Esclarecida pela sua experiência pessoal e interessada pela sua obra, a criança terá sempre a atitude de se relacionar com a obra de outrem.

Lisboa, Junho de 1958

Cecília Menano

João dos Santos

AQUISIÇÃO DA FORMA NO DESENHO E NA PINTURA INFANTIL

Separata de «A Criança Portuguesa»

Ano XVII - 1958

Número dedicado ao IV Congresso Internacional de Psiquiatria Infantil

Lisboa

Dr. João dos Santos, Sr^a D. Cecília Menano

GRUPO DE ESTUDOS DE PSICOLOGIA EVOLUTIVA

Portugal

Temos vindo a realizar desde 1952 algumas pesquisas sobre o desenho e a pintura infantil. Apresentamos aqui os resultados sumários. O interesse da criança, no que respeita à actividade gráfica, tem provavelmente origem no que ela vê fazer ao adulto, mas que não consegue ainda interpretar. Chegámos à conclusão que de início o seu interesse é dirigido ao

«instrumento intermediário», ou seja o lápis e o pincel. É por acaso que a criança encontra o traço e só depois a forma e então para desenhar ela utiliza o papel como se contivesse muitos espaços. A criança vira e revira o papel e desenha diversas formas.

A forma é facilmente adquirida pelo traço, dado que a criança tem geralmente bastante espaço no quadro negro e por vezes no chão; ela é dificilmente obtida através do pincel, porque dum modo geral a pintura é interdita por muito tempo à criança, pelos seus pais.

Procurámos saber junto de crianças de 4 e 5 anos qual o tempo necessário à obtenção da forma em pintura e chegámos à conclusão que é mais rapidamente adquirida logo que a criança disponha de papéis de grandes dimensões.

Estudámos então as dimensões do papel para desenhar que as crianças preferem e verificámos que junto de crianças de 4 e 5 anos, a figura humana aumentava sempre de grandeza até mais ou menos 50 x 50 cm, o que corresponde talvez à imagem do seu corpo. Logo que a criança possa definir o seu espaço, ela pode então regressar ao papel de dimensões clássicas e ela fá-lo sempre numa forma espontânea, mas a sua preferência é sempre por folhas de dimensões entre 30 x 45 e 50 x 50 cm. Não é somente a imagem motora que sobressai na representação das formas mais evoluídas, mas também uma concepção particular que a criança utiliza consoante a sua própria experiência; assim um barco é primeiramente um traço por baixo, e uma casa é inicialmente um traço por cima.

Segundo o autor, este problema está também relacionado com a posição da folha de papel. As crianças preferem sempre uma orientação horizontal, que está talvez relacionada com a capacidade motora e com um certo conceito de desenvolvimento e concepção. O que Zazzo apelida de «perfil de translação» parece ao autor tratar-se de um desenvolvimento horizontal, e crê que é possível demonstrar que o movimento para a esquerda com a mão direita ao desenhar é devido ao facto da mão estar apoiada sobre a mesa; tratando-se de crianças pequenas, as percentagens de círculos efectuados em ambos os sentidos são praticamente iguais, quando desenhadas no quadro negro sem um ponto de suporte para a mão; a percentagem é maior na direcção para a esquerda quando as crianças estão a desenhar com o papel assente numa mesa.

SUMÁRIO - O autor apresenta de modo resumido os resultados dos estudos que tem vindo a desenvolver desde 1952 sobre desenho livre e pintura. Ele chama a atenção para o facto de que inicialmente o interesse da criança é dirigido para o «instrumento intermediário» (lápiz, pincel). É por acaso que a criança alcança o traço e posteriormente a forma. Assim, para desenhar, a criança usa o papel como se contivesse diversos espaços. Estudando crianças entre os 4 e os 5 anos tendo em atenção qual o tempo necessário para o domínio da forma na pintura, o autor verificou que esse domínio é mais rapidamente obtido quando a criança pode utilizar papel de maiores dimensões. Estudou igualmente a dimensão do papel preferido pelas crianças para desenhar, e verificou que as crianças de 4 e 5 anos aumentam cerca de 50 x 50 cms a figura humana. Logo que a criança «defina o seu espaço nas proporções apropriadas» pode tornar a utilizar o papel de tamanho clássico, preferindo sempre, no entanto, folhas de papel com dimensões entre 35 x 45 cm e 50 x 50 cm.

Não é apenas a imagem motora que sobrevém na representação das formas mais evoluídas, mas também uma concepção particular que a criança desenvolve de acordo com a sua própria experiência.

DISCUSSÃO - Esta comunicação foi considerada como um esclarecimento e resposta a alguns dos problemas que a discussão das duas comunicações anteriores tinha levantado, e ainda como um complemento da comunicação apresentada pela Sr^a D. Cecília Menano.

Na sua discussão intervieram Sr.^a D. Maria da Luz de Deus, Dr.^a Manuela Reis, Dr.^a Amália Borges e Prof. Dr. Delfim Santos.

INVESTIGAÇÃO SOBRE PROBLEMAS DE HIGIENE MENTAL INFANTIL

Separata de «A criança Portuguesa»

Ano XVII - 1958

Número dedicado ao IV Congresso Internacional de Psiquiatria Infantil

LISBOA

INVESTIGAÇÃO SOBRE PROBLEMAS DE HIGIENE MENTAL INFANTIL

Dr. João dos Santos, Dr. Bessa de Carvalho, Sr^a D. Cecília Menano, Dr^a Margarida Mendo,
Dr^a Maria Borges, Dr^a Manuela Dias, Dr^a Susana Teiga

Grupo de Estudos de Psicologia Evolutiva

Portugal

I - Em 1952 conduzimos num Centro de Saúde Infantil bem como em dois Centros Escolares para crianças e adolescentes um trabalho de despistagem e de prevenção, segundo um programa de higiene mental que visa, sobretudo, uma acção junto dos pais, dos professores e dos enfermeiros de saúde pública. Tendo constatado a insuficiência de pessoal técnico e de instituições tais como Centros de Instrução, procurámos resolver o problema duma maneira prática, e alcançar uma eficiência que não possui a profundidade desejada mas que provisoriamente nos dá alguma satisfação.

Creemos que a nossa fórmula poderá ser entendida noutros países onde a higiene mental não tem o desenvolvimento desejável.

Paralelamente à nossa acção como higienistas, psicólogos e trabalhadores sociais efectuámos através do Grupo de Estudos de Psicologia Evolutiva de Lisboa um trabalho de investigação com o objectivo de encontrar meios económicos para o despiste de problemas neuróticos de crianças e de adolescentes. O nosso ponto de partida foi o de considerar que certos sinais a que chamamos «sintomas neuróticos de evolução ou sintomas de reacção neurótica», são uma indicação preciosa para a higiene mental. Assim, pelas nossas pesquisas, fomos levados a constatar que quase a totalidade das crianças apresentavam no decorrer da sua evolução, sintomas de ansiedade. Mais ainda, não se verificaram perturbações de carácter ou neuroses sem que essas reacções do tipo nevrótico se tivessem manifestado duma forma muito marcante, ou sem que um conjunto exagerado destes sintomas não se tivesse desencadeado.

O nosso estudo incidiu sobre mais de 1.800 crianças e adolescentes dos 6 meses aos 18 anos, sendo a maior parte do sexo masculino e pertencendo geralmente às classes pobres e médias.

II - Escolhemos primeiro entre os sintomas de reacção neurótica os que apresentavam um carácter mais objectivo para os pais, professores e enfermeiros, ou seja, os que nos permitiam, através de simples inquéritos, verificar o grau de perturbação que atingia certas crianças.

Numa primeira abordagem verificámos que os sintomas sobre os quais obtivemos os esclarecimentos mais precisos e objectivos eram a anorexia sem causa somática, enurese, gaguez, sonambulismo, terrores nocturnos e insónia. No que respeita à instabilidade, constatámos não ser possível valorizar nesta investigação os tiques nem a onicofagia.

Interrogámos desde logo 300 crianças dos 6 aos 13 anos e comparámos os dados obtidos com os de 100 crianças que frequentavam consultas de higiene mental.

Conclusão:

1. Os sintomas de reacção são muito frequentes e podem-se considerar como sintomas banais de evolução infantil.
2. A perturbação mais frequente é a anorexia nervosa que se manifesta nos antecedentes de quase metade das crianças em idade escolar.
3. As perturbações mais frequentes nas crianças que frequentam consultas de higiene mental são a anorexia e a enurese que se manifestam num 1/3 dos casos. Um inquérito efectuado junto de 100 adultos nevróticos numa consulta, revelou-nos que a enurese é também na sua família, o sintoma de reacção infantil mais frequente, surgindo numa percentagem um pouco superior à das crianças nevróticas.
4. O surgimento de cada sintoma, verifica-se duma maneira dominante num certo período evolutivo classificando-se estatisticamente da seguinte forma: anorexia, enurese, gaguez, instabilidade, tiques, sonambulismo e terrores nocturnos.
5. As crianças canhotas, parecem ser mais atingidas por estas reacções do que as destros. (68.8% e 36.6%)

III - No que respeita à anorexia, foram efectuadas duas sondagens, incidindo a primeira sobre 50 e a segunda sobre 65 crianças dos 6 meses aos 6 anos.

Conclusão:

1. Quase metade dos pais de crianças anorécticas apresentaram outros sintomas de reacção. Todas as mães sofrem ou vêm a sofrer de ansiedade.
2. Na maior parte destas crianças a altura e o peso à nascença era normal.
3. Um sexto das anorexias tem origem num parto difícil.
4. Em 50 casos de anorexia, verificou-se:
5 por uma alimentação artificial à nascença

24 por interrupção da alimentação natural antes dos 6 meses

10 por desmame brusco

(no 2º grupo, estes números eram idênticos).

5. Metade das crianças anorécticas começam a manifestar o sintoma antes do fim do 1º ano.
6. O sintoma é mais frequente quando há outros adultos em casa, em particular avós ou quando se trata de filho único.

IV - Quanto ao sintoma psicomotor mais frequente - enurese, efectuámos um teste com 100 crianças enuréticas e com 100 crianças consultadas com antecedentes de enurese.

Conclusão:

1. O passado neurótico dos pais e em particular da mãe é muito frequente.
2. O desenvolvimento das crianças enuréticas, parece ser frequentemente perturbado pela aparição precoce ou tardia de certos factores evolutivos (1ºs dentes, palavras, etc).
3. A enurese aparece frequentemente associada a outros sintomas de reacção mas especialmente a perturbações de sono (superficial, agitação, terrores, etc.)
4. É geralmente através das perturbações do comportamento ou do mau rendimento escolar que estas crianças são consultadas.

V - Estudámos a importância destes factores de ordem nevrótica no condicionamento do sucesso escolar. O teste foi elaborado tendo como base os antecedentes de 76 crianças dos 6 aos 10 anos.

Conclusão:

1. A anorexia evidente e persistente aparece nos antecedentes de metade «dos maus alunos» (critério escolar), ao passo que em crianças que tenham tido um bom rendimento escolar, se manifesta apenas em ¼.
2. Outros sinais de perturbação verificam-se em maior número nos «maus alunos» do que nas crianças com um bom rendimento escolar: enurese, onicofagia, gaguez, etc.
3. O atraso motor, o ser canhoto ou a má integração lateral, surgem mais frequentemente nos «maus alunos» (entre 50 alunos com um bom rendimento escolar, encontramos 12 canhotos e crianças mal lateralizadas, e 2 com deficiência motora; entre 26 alunos com mau rendimento escolar, 8 e 6).

- Paralelamente estudámos estes 76 alunos, comparando os que apresentavam um QI inferior a 90. O nível intelectual dos primeiros não revelava uma condição absoluta para os classificar no grupo dos «bons alunos». Os que nestas condições foram considerados como «maus alunos» apresentavam sempre sintomas de reacção. Pelo contrário, os bons alunos com um QI inferior a 90 eram sempre crianças estáveis, pertencendo a um meio equilibrado, e que não tiveram nem nos antecedentes nem actualmente, sintomas de reacção.

Um outro teste idêntico foi levado a efeito em rapazes dos 11 aos 17 anos.

Conclusão:

A importância dos antecedentes de reacção neurótica foi praticamente nula e sobretudo os problemas pareciam ter desaparecido nos alunos mais velhos. A percentagem de crianças apresentando sintomas de reacção era praticamente idêntica entre os bons e maus alunos.

Houve outro aspecto particular de sucesso escolar que nos interessou - aprendizagem da escrita.

Não nos debruçámos sobre a disortografia tendo apenas comparado 150 crianças consideradas como tendo «boa letra».

Conclusão:

Os alunos com má letra são mais rápidos no que se refere à execução dos símbolos gráficos; eles têm mais dificuldade em executar sinais que implicam o desenho de um círculo efectuado no sentido dos ponteiros do relógio ou com uma componente vertical (d, f, p e t). Não notámos qualquer diferença essencial no que respeita ao domínio lateral.

VI - Com o intuito de conhecer a importância dos prováveis sinais neuromotores, em crianças que apresentavam sinais no teste, como sendo crianças perturbadas na sua evolução motora, observámos clinicamente 135 crianças na idade escolar e 114 nevróticas dos 4 aos 12 anos. Escolhemos algumas provas clássicas de exames neurológicos e notámos que estas crianças eram frequentemente perturbadas.

.

Conclusão:

1. Os neuróticos são frequentemente mais retardados sob o ponto de vista motor, canhotos ou desmotivados, e apresentam mais vezes sinais objectivos de instabilidade, apatia e problemas de tónus muscular. Os alunos em idade escolar apontados no inquérito como sendo crianças perturbadas, apresentavam sintomas idênticos...

2. Quanto às crianças enuréticas notámos em particular uma parotonia mais ou menos evidente, uma certa tendência hipertónica e discordância do tónus muscular lateral ou uma discordância entre a qualidade do tónus dos membros superiores e inferiores.

VII - O problema dos canhotos interessou-nos particularmente e por isso estudámos o comportamento de 72 canhotos que comparamos com 72 crianças destros.

Conclusão:

1. Os canhotos revelam frequentemente maior atraso no aparecimento das 1^{as} frases e no andar independente (1^{as} frases: 26 e 27; andar independente 32 e 16).
2. O número de canhotos instáveis é duas vezes superior ao número de destros instáveis (17 contra 7)
3. Os sintomas a que chamamos reacção nevrótica foram relacionados com os canhotos e assim, entre 383 crianças até à idade de 6 anos, 83 eram canhotos e metade destas eram anoréticas, enquanto que nas 300 crianças que utilizavam a mão direita apenas 1/6 se revelou anorética. Por conseguinte, entre os canhotos, o número de crianças com sintomas de reacção era o dobro das que utilizam a mão direita (em 83 canhotos, 57 nevróticas em 300 que utilizam a mão direita, 111 nevróticas).

VIII - Finalmente, em 141 alunos do ensino secundário, também apurámos - através de um método diferente dos testes e observações clínicas (nível e teste projectivo) a relação entre o sucesso escolar, a perturbação afectiva e o nível intelectual.

Conclusão:

1. Todos os alunos com um nível inferior à idade cronológica estão sob o ponto de vista escolar atrasados. Os sentimentos de culpa manifestam-se em 85% dos que apresentam atraso enquanto que apenas 59% dos bons alunos se evidenciavam.

CONCLUSÃO GERAL:

Quando se trata de fazer prevenção, o higienista e o psicólogo devem-se dirigir às crianças assinaladas nos testes como tendo no seu passado sintomas de reacção nevrótica e sobretudo logo que manifestam perturbações sob o ponto de vista motor e atraso no aspecto escolar.

SUMÁRIO - Estudos sucessivos efectuados em 1800 crianças foram analisados sob o ângulo da sua evolução e da ansiedade bem como dos problemas psicomotores. Admitimos que certos sintomas evolutivos possam ser a expressão da condição crítica, e estudámos o seu aparecimento em relação aos conflitos familiares e instrução. Referimos como sintomas neuróticos de evolução ou sintomas de reacção nevrótica: anorexia, enurese, tiques, gaguez, terrores nocturnos, sonambulismo, onicofagia; o seu aparecimento pode ser uma indicação útil tanto para o higienista como para o psicólogo.